Cena 1

“Vida é movimento”, repetia para si mesma – travando uma batalha interna para seguir em frente.

Exausta, forçava-se a continuar sua caminhada pela floresta. Precisava se afastar o máximo possível antes do anoitecer, para não ser capturada.

Lua havia abandonado seu mundinho - amigos, familiares e o conforto da sua vida - tudo para seguir um instinto.

Seu antigo lar era agradável e bem organizado.

Olhando o lugar caótico em que se encontrava agora, uma parte dela queria voltar.

A todo momento, precisava lembrar a si mesma por que estava fazendo isso.

...

– Lua! Não se esqueça de mim! – gritava Solano, se debatendo, enquanto era levado.

– Nada faz sentido sem você! – Corria em volta dos Estranhos, tentando ir junto.

...

Foi nesse dia que decidiu partir. As memórias vinham como flashes dolorosos em sua mente. Uma dor maior que a de estar ali, sozinha, desprotegida. Uma dor que a impulsionava a seguir em sua fuga.

Sob a luz fraca do dia se encerrando, viu um tronco caído. Parecia promissor.

Bastou um leve empurrão para ele se desmanchar, revelando uma deliciosa refeição: “Insetos!”.

Comeu sofregamente todos os que não fugiram. Revirou a madeira podre, achou mais alguns.

Não sentiu nojo. Seu corpo precisava dessa energia.

Sentiu conforto em perceber que sabia cuidar de si mesma.

E também orgulho: tudo planejado, havia se preparado enquanto ainda estava em cativeiro.

Aproveitou o momento de descanso e ficou o mais silenciosa que pode. Acalmou-se para reduzir as batidas de seu coração. Respirando o mais levemente que podia, ouviu atentamente os ruídos do ambiente: silêncio total. Nada de folhas farfalhando, nada de galhos quebrando.

Dois pensamentos lhe vieram à mente, e ela achou graça, pois era como na piada de “uma notícia boa e uma notícia ruim”.

A boa notícia: isso era um sinal de que os Estranhos não estavam à sua busca. Talvez tenham achado que ela não valia a pena. Ou de que sair à noite era perigoso.

Essa era a notícia ruim: o silêncio em si era assustador; poderia ser rompido a qualquer instante por um Predador que só aguardava o momento certo.

Uma descarga de adrenalina acelerou seu coração, lembrando como o conhecera.

Lua fazia sua ronda costumeira percorrendo os limites do cativeiro, observando a floresta lá fora. Foi quando viu algo que não entendeu, mas a encheu de temor.

Quase imperceptíveis no meio da folhagem, dois olhos a observavam, absolutamente imóveis. A folhagem se mexeu com o vento, ela gelou ao ter um vislumbre de partes do contorno da criatura. Era maior que ela, embora fosse menor que um Estranho. Era um Predador. Havia ouvido histórias, mas nunca tinha visto um. Temendo pelo que podia acontecer, ela se afastou.

Aquela criatura morava ali na floresta. Aqueles olhos imóveis poderiam a estar observando naquele exato momento. Qualquer dos seus amigos teria desistido da

fuga só de considerar um encontro cara a cara com o Predador. Mas não Lua. Ela estava com medo, claro, mas tinha uma arma secreta. O que mais arrepiava sua espinha era saber que tudo poderia se perder por um detalhe: seu plano não tinha nenhum teste prático.

Toda sua esperança estava apoiada em uma observação, tempos depois que conhecera essa ameaça. Ela já estava com a ideia da fuga em sua mente, mas ele parecia ser um problema intransponível. Era muito maior que ela e parecia muito mais forte também. Naquele momento, sua prisão era o que a mantinha viva. Ela então passou a observá-lo sempre que a oportunidade aparecia. Mesmo ali, com outros motivos para se preocupar, ainda sentia calafrios ao lembrar o que passara.

Como de costume, caminhava próxima à cerca, e algo chamou sua atenção. De início não percebeu o que era exatamente, e passou um tempo para entender: naquele local, do lado de fora, as plantas estavam sem folhas. Surpresa, ela então se deu conta de que em todo o perímetro era acompanhado por plantas iguais. Exceto naquele local. A exceção que a fez perceber a regra.

Sua curiosidade a levou mais perto. “Formigas!” Nos poucos segundos em que as observava trabalhando, um Predador surgiu do nada e investiu, seu focinho entrando no vão da tela. Por puro reflexo ela virou a cabeça e se encolheu, mas ainda sentiu o odor podre

de seu bafo e das gotas de saliva enquanto suas presas travavam no nada. Mais um centímetro e teria removido um pedaço dela. Vendo que havia perdido sua chance, ele se afastou, tão silencioso como havia aparecido.

Alguns segundos depois o cérebro de Lua começou a digerir o que acabara de passar. Seu corpo começou a tremer e chacoalhar. "Quase morri e nem havia percebido o risco", pensou, atônita. Sentiu-se paralisada, incapaz de sair do lugar. Com enorme esforço obrigou suas pernas a darem alguns passos para trás. Ainda ofegante e sentindo o coração sair pela boca, concentrou-se em recuperar o controle. "Como vou sair daqui se nem consigo agir?" ralhou consigo mesma.

– Droga de Predador, vá para o inferno! – gritou para as árvores, a voz falhando. Não o via, mas sabia que ele ainda estava ali.

A raiva direcionada deu certo. A paralisia deu lugar à prontidão.

Sua curiosidade então começou a trabalhar. "Por que aqui? Por que agora?" Por tantas vezes andara próxima à cerca, nunca algo assim havia acontecido. Certamente ele achava que ali tinha uma chance melhor que em todas as outras vezes. Teria ela se aproximado demais? Ou só ali ele ousava chegar perto?

Repassando tudo o que acontecera nos últimos minutos, a conclusão parecia inevitável: “A falta das plantas…” – tinha que ser isso!

Como parte de seu plano de fuga, Lua trazia galhos daquelas plantas junto ao seu corpo, cobrindo-se o máximo que não atrapalhasse os movimentos. Os galhos tinham alguns frutos, que exalavam um cheiro ainda mais forte. Os anciões tinham nomes para elas, eram pimenta e arruda. Isso lhe trazia uma sensação de segurança, como um escudo protetor.

Enquanto ainda tinha um pouco de luz, montou um abrigo para si, com galhos e folhas, evitando fazer barulho. Procurou se acalmar. Se quisesse ter alguma chance, precisava descansar.

Cena 2

...

– Isso não pode estar certo! – Lua gritava, desesperada, no centro da roda. Ela conhecia todos da vila. Seus pais, seus irmãos, seus amigos.

– Essa é a vida que nos foi dada, Lua. Aproveite! – Seus pais diziam, em uníssono.

Todos pareciam tranquilos em seus afazeres. Alguns comiam, outros descansavam. Nada para se preocupar. Os Estranhos andavam entre eles e cuidavam de tudo,

traziam alimentos e levavam o lixo embora. A paz reinava.

Todos sentiam a harmonia, menos Lua. Apenas ela notava quando um Estranho levava alguém embora? Ou os outros consideravam esse um preço razoável?

Pernas gigantes passaram perto. Olhando para cima, viu o semblante conhecido, nos braços de um Estranho.

– Pai! – Quase não conseguiu falar, a garganta se apertando. O coração lhe dizia que essa era uma despedida, não o veria mais. – Desça, pai!

– Essa é a vida que nos foi dada, Lua. Aproveite! – Disse calmamente, enquanto era levado.

O absurdo da situação fez seu corpo formigar. O ar ao seu redor pareceu ficar opaco, era neblina, talvez fumaça. Lua entrou em desespero.

– Reajam! Vocês não percebem? São eles que mandam no nosso destino!

– Aproveite! Disse sua mãe, enquanto acenava para seu pai.

Alguns amigos, parecendo terem acordado da apatia, se aproximaram dela.

– O que vamos fazer, Lua?

Acuada, sem saber o que responder, olhou para o lado e deparou-se com um Predador. Sabia que devia fugir, mas não sentiu medo. Parecia uma coisa natural ele estar ali, no meio deles. Ele a olhava fixamente e, repentinamente, começou a falar:

– Venha para a floresta, Lua! Siga o caminho!

Confusa por ter entendido o que ele falou, apenas observou. Ele começou a piscar lentamente, seus olhos emitindo um brilho intenso que a fazia desviar o olhar. Lua ficou hipnotizada vendo a cena, a névoa foi se adensando, até que só via o brilho indo e vindo, indo e vindo…

...

Acordou com o reflexo do sol, indo e vindo por entre as folhas. O sonho fora muito vívido e ela ficou um tempo deitada, espantada como aquele sonho parecia uma mini sessão de terapia. Vários momentos chave de sua vida estavam ali, misturados e distorcidos.

O peito lhe doeu ao lembrar do seu pai sendo levado, exatamente como no sonho. As últimas palavras dele não haviam sido aquelas, mas elas refletiam bem sua filosofia de vida. Pode-se dizer que, ao seu jeito, ele era feliz.

Apesar da grande diferença de temperamento, sempre foram muito próximos. Ela lembrava com carinho como ele prestava atenção em suas observações e teorias. Uma vez a surpreendeu, e contou que nem sempre o mundo fora assim.

...

– Lua, preste atenção. O que vou lhe contar, meu pai contou para mim e, antes disso, o pai dele contou para ele. Incontáveis luas no passado, todos viviam livres. Não havia Estranhos nem barreiras. Éramos livres, por certo, mas a que custo? Passávamos os dias nos escondendo, com medo.

Aquilo deixou Lua muito impressionada, ela ficou imaginando como seria voltar a ser assim.

– Você percebe que nosso conforto hoje também tem um custo?

– Quando eles chegaram, nos ofereceram uma alternativa. Uma vida confortável e provavelmente mais longa que teríamos lá fora.

– Não estou vendo muitas escolhas aqui. Onde está o portão escrito “alternativa”?

O pai olhou para ela com uma expressão divertida e deu uma gargalhada. Depois, a trouxe para junto e acariciou sua cabeça.

– Ah, Lua! E desde quando você precisa que alguém lhe dê alternativas?

...

O que mais a incomodava foi a calma dele ao ser levado. Ela entendia, essa era a filosofia dele, mas não concordava. Ele ainda era jovem e forte, poderia viver muito mais na vila.

Ela até podia aceitar o pensamento de seu pai, pois já era a geração mais velha.

O que realmente frustrava Lua eram os jovens. Eles também pareciam valorizar o conforto que tinham, sem questionar o verdadeiro preço.

Assim como ocorreu em seu sonho, alguns poucos concordavam com os argumentos dela, mas não tinham ideia do que fazer a respeito.

Eles então a cobravam, como se ela tivesse o dever de dar todas as respostas.

Quando mencionou sua ideia de fugir dali, todos ficaram horrorizados.

...